

NOSSO LEMA: INCENTIVAR AS PESQUISAS

Como é do conhecimento geral, o Brasil já ocupou importante posição nas pesquisas médicas de Parasitologia e Medicina Tropical. Excelsos cientistas nacionais nos encheram de orgulho e de admiração, como Adolfo Lutz, Oswaldo Cruz, Henrique Aragão, Vital Brazil, Costa Lima, Rocha Lima, Pirajá da Silva, Carlos Chagas, Gaspar Vianna, para citar alguns dos maiores.

Aos poucos, porém, fomos perdendo esta posição proeminente, enquanto que no exterior foram surgindo grandes Institutos e Universidades, esplêndidamente equipadas, onde insignes pesquisadores realizam importantes descobertas que têm imortalizado os seus nomes. Sem nos referirmos aos Estados Unidos da América do Norte, onde o progresso da Parasitologia e da Medicina Tropical é assombroso, apesar de lá não reinar nenhuma endemia parasitária, existem hoje grandes Institutos em vários países da América Latina, como Porto Rico, Panamá, Venezuela etc., organizações modelares que constituem exemplos para outros países desta área, e onde se realizam importantes estudos de Parasitologia e de Doenças Tropicais. Pensamos que temos absoluta necessidade de melhorar o padrão e aumentar os nossos trabalhos de pesquisa. Aproveito, pois, esta oportunidade para sugerir algumas medidas neste sentido, mas naturalmente poderão surgir outras. E isto somente no campo da Parasitologia, em que, justamente o Brasil foi pioneiro.

Em primeiro lugar melhoria de vencimentos dos pesquisadores com aumento considerável de seu número. Para dar um exemplo do número de pesquisadores que trabalham em Laboratórios estrangeiros citamos o do Instituto de Ascot, na Inglaterra, que possui um quadro de cerca de 200 pesquisadores somente para estudos de zoologia! É necessário aprimorarmos as nossas pesquisas nos vários ramos da Parasitologia: por exemplo na Helmintologia, em que nos limitamos quase só aos estudos da sistemática, sendo raros os trabalhos sobre biologia, diagnóstico biológico das helmintoses, processos de vacinação, em cujo campo os ingleses se acham tão adiantados, de modo que os criadores britânicos podem comprar em farmácias vacinas que protegem seus rebanhos contra várias doenças helmínticas.

Também urge a instalação nos nossos Institutos e Universidades de insetários, terrários, aquários, biotérios etc., não só para as pesquisas mas também para os cursos. Na Inglaterra, no já citado Instituto de Ascot, criam-se várias espécies de mosquitos brasileiros, que nós aqui não criamos; técnicos ingleses estiveram há pouco tempo capturando flebotomos em Minas Gerais para fazerem criações destes insetos na Inglaterra. Alguns pesquisadores deste Ins-

tituto criam piolhos do corpo, colocando-os em cinturões com escavações ovóides e adaptando-os em seus próprios ventres. Aqui não temos tais criações e os alunos nunca vêem um parasito vivo; tudo morto, conservado no álcool ou espetado em alfinetes. Uma lástima.

Também pensamos ser necessário incentivar os estudos de campo; devemos seguir o exemplo de outros países que também possuindo grande território promovem inúmeras excursões para estudos, não só de parasitologia pura e comparada mas de zoologia, ecologia, zoogeografia, patologia etc., nas áreas mais longinquoas do país.

No nosso caso particular, devemos considerar as numerosas excursões que países estrangeiros constantemente realizam em nosso território, trazendo missões que comportam numerosos especialistas e abundantemente abastecidas para desenvolverem importantes pesquisas...

Devemos ainda lembrar a necessidade de aumentar o intercâmbio entre os pesquisadores dos Institutos Científicos dos diversos Estados Brasileiros e enviar desde logo maior número de investigadores e técnicos ao Instituto Evandro Chagas do Pará e ao Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas.

Finalmente, devem os pesquisadores atender à advertência de Goethe ao povo alemão: "quando trabalhar, trabalhar, quando brincar, brincar..."

S. Paulo, 11/3/73

Samuel Barnsley Pessoa.